

# O primado do outro na psicanálise: a respeito de “A revolução copernicana inacabada” (1992), de Jean Laplanche<sup>1</sup>

Kenia Maria Ballvé Behr<sup>2</sup>, Porto Alegre

## Introdução

*Entre meu desejo de trabalhar as ideias de Jean Laplanche e minhas possibilidades de comentar aquilo que li e tentar traduzir o que compreendi, segue a minha singela homenagem a ele, no ano em que comemoramos o centenário de seu nascimento.*

Minha intenção foi debruçar-me no texto de Jean Laplanche “A revolução copernicana inacabada”, primeiro capítulo do livro que leva o mesmo título, embora este tenha sido substituído, posteriormente à primeira publicação, por “La prioridad del otro en psicoanálisis”. Nesse artigo, o autor se propõe a reabrir os tempos do originário, que tem absoluta relação com o outro, fazendo trabalhar as ideias freudianas (teóricas e clínicas) relacionadas com o tema e, ao mesmo tempo, cotejando-as com seus “novos fundamentos para a psicanálise”. Trata-se de um texto complexo e instigante que mostra,

---

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista, co-fundadora e parte do corpo docente da Instituição Psicanalítica Constructo, editora da revista psicanalítica da Constructo, co-fundadora e sócia do Grupo Brasileiro Jean Laplanche.

à medida que vai se abrindo, a beleza de uma obra ao mesmo tempo científica e literária.

Primeiramente, farei uma breve síntese sobre a revolução causada entre as ideias copernicanas e ptolomaicas, debate cujo ponto central levou à conclusão de que a Terra não era mais o centro do universo e o homem não ocupava o mesmo lugar de destaque absoluto, deixando de ser a medida de todas as coisas. A “revolução copernicana”, relacionada ao corpo celeste, leva a pensar, através do texto de Laplanche, em outra revolução, a psicanalítica, e no pensamento de dois grandes homens em relação a esta última: Sigmund Freud e Jean Laplanche, debatendo a constituição do psiquismo e suas consequências para o ser humano e para a tarefa clínica.

## Iniciando

*É no seio da experiência inaugurada por Freud que se situa meu pensamento: não para polir as arestas ou aperfeiçoar os detalhes, mas para fazê-lo trabalhar e, no sentido pleno das palavras, devolver-lhe a alma. Tarefa evidentemente infinita e que o texto não pode ter como objeto concluir: ele é, ao contrário, uma meditação sobre a necessidade de ininterruptamente reabrir a brecha original, outrora aberta pela estranheira do outro.*  
(LAPLANCHE, 1992/2016, p. 15)

Desde a Grécia antiga, por volta dos séculos IV e V a.C., a humanidade acreditava no geocentrismo, supondo que a Terra seria o centro do universo e todos os astros girariam em torno dela. A Igreja Católica defendia essa tese em conformidade com os textos bíblicos, que situavam o homem como

centro do universo, figura central da criação. No longo período durante o qual o geocentrismo foi o modelo dominante, o esquema ptolomaico foi o mais aceito, tendo em Ptolomeu (século II d.C.) sua figura mais importante. A partir do debate entre um novo pensamento que vinha se fazendo presente e as ideias de Ptolomeu, surgiu uma “nova astronomia” entre os séculos XVI e XVII. Copérnico, astrônomo e matemático, representou esses estudos e idealizou o sistema heliocêntrico, sendo que “hélio” representa o nome do deus Sol dos romanos. No entanto, é importante que seja ressaltado que quem primeiro mencionou um sistema heliocêntrico foi Aristarco de Samos (século III a.C.) e acredita-se que Copérnico tinha conhecimento desses estudos.

O principal questionamento na história da astronomia foi o seguinte: o que gira em torno do que? Duas linhas de pensamento se alternaram: ptolomaica e copernicana. Enquanto Ptolomeu propunha que a Terra seria o centro do universo, Copérnico trazia como questão principal a ausência de um centro. Passou a ser um absurdo pensar que, em um mundo com distâncias infinitas, uma estrela ou o sistema solar seria o centro do universo. O copernicismo determinou uma nova estruturação para a ciência, desvinculada agora de aspectos divinos, favorecendo mudanças profundas no conhecimento científico, tornando absurda a ideia de um centro em um universo tão amplo. Essa descoberta teve repercussões significativas na psicanálise, permitindo repensar a gênese do sujeito psíquico, a partir da descoberta de que o homem não era mais o centro do universo!

Esse descentramento trouxe uma ameaça, qual seja, a de que não sendo o homem o centro, tudo aquilo que fosse criado à sua imagem ficaria desvalorizado. O sujeito humano passou a ser visto, então, como insignificante na imensidão do universo, uma vez que não era a medida de todas as coisas. O descentramento e a infinitude do universo anunciavam

uma infinitude do saber e um descentramento epistemológico difícil de aceitar (LAPLANCHE, 1996).

Em outro espaço e em outro momento, posterior, vigorava um descentramento radical da psicanálise, proposto através de duas vertentes, sendo a primeira a descoberta do inconsciente por Freud: *Das Andere*, a outra coisa em nós, o inconsciente descoberto antes de 1897, o mesmo incluído no texto de 1915. Uma instância que está em nós, mas que também é estrangeira a nós.

A segunda vertente, a teoria da sedução, abandonada por Freud em 1897, que não se deu conta da íntima relação da sedução com o inconsciente. Embora não tenha sido reconhecida formalmente como fundante do psiquismo, a sedução manteve sua “vigência”, mesmo que oculta, tornando-se indispensável para manter o inconsciente em sua estrangeiridade (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1987).

Em relação ao primeiro tema, o inconsciente descoberto por Freud, no sentido tópico, pertence a um dos sistemas da primeira teoria do aparelho psíquico, fruto do recalque originário. A origem do inconsciente seria exógena, formado esse inconsciente por cenas e traços mnêmicos sexuais, seus conteúdos seriam regidos pelos mecanismos do processo primário. Laplanche retomou esse conceito de inconsciente e, junto com Leclaire, apresentou um trabalho no Colóquio de Bonneval (1960), expondo as ideias de ambos em relação ao realismo do inconsciente.

No que diz respeito à segunda vertente – a sedução –, ela está relacionada à realidade da mensagem enigmática, proposta por Laplanche como uma terceira realidade (ao lado da realidade externa e da realidade psicológica de Freud). Realidade definida por um descentramento originário de domínio sexual: a mensagem enigmática enviada à criança, originada

no inconsciente recalcado do adulto, confunde-se com a sedução. Dessa forma, enigma e sedução constituem esse terceiro domínio da realidade, que evidencia os efeitos do enigma do outro no *infans*, marca irreduzível do outro. Esse fato afirma a dimensão da alteridade porque leva a marca do inconsciente sexual do adulto (BALLVÉ BEHR, 2022).

Segundo Laplanche, Freud situou a Revolução Copernicana no mesmo plano que a descoberta psicanalítica, denominada por ele como “revolução psicológica” (na verdade, a descoberta do inconsciente), em razão que as duas “revoluções” se comunicavam, sendo vistas como as grandes humilhações infligidas ao narcisismo humano, e onde se observava um forte movimento, por parte de Freud, para voltar à autocentração.

Como afirmou o autor, vê-se, em Freud, ao longo de sua obra, um posicionamento de alternâncias entre Copérnico e Ptolomeu. Manteve-se ptolomaico, optando pelo autocentramento, por exemplo, no abandono da teoria da sedução (1897), embora se observe uma ênfase copernicana, heterocentrada quando, inicialmente, propôs a própria teoria da sedução restrita, assim como se manteve aliado ao pensamento de Copérnico em suas descobertas sobre seu “primeiro inconsciente”. Em determinadas situações, Freud parecia estar posicionado frente à estrangeria do inconsciente, embora, em outros momentos, claramente não conseguisse sustentar essa posição, possivelmente porque o estrangeiro ao qual se referia não incluía um outro que viesse de fora. Inevitavelmente encontrava esse outro dentro do sujeito humano desde sempre. Em seu arcabouço teórico, faltava a teoria da sedução, abandonada por ele, sem ter-se dado conta da íntima relação entre a sedução e a constituição do inconsciente.

Laplanche (1996) acompanha Freud e comenta seu texto, “Una dificultad del psicoanálisis” (1917 [1916]/1992), em uma espécie de conversa de Freud com Freud, quando este, segundo Jean Laplanche, mostra claramente, mais

do que uma afirmação de princípios da *heteronomia* do ser humano, um movimento constante de volta à centração. Primeiras palavras de Freud: “O homem sente-se soberano em sua própria alma”, mas, na realidade, “a observação psicanalítica mostra que o eu não é o amo em sua própria casa” (LAPLANCHE, 1996, p. 24). Uma contradição das duas afirmativas em que aparece a constatação da soberania humana, logo seguida de uma afirmativa que desfaz essa ilusão de soberania? Ou se trata da ambiguidade freudiana em relação ao tema?

Freud afirma que o sujeito se sente incômodo pelos limites com os quais se encontra em sua própria casa/alma, pensamentos não inteligíveis, difíceis de desaparecerem, causando temores ou exigindo medidas contra eles. Freud sugere forças estranhas ao próprio sujeito e, mesmo que as denomine de impulsos, aludindo, portanto, a algo que viria de dentro, faz referência a uma invasão estrangeira.

Essa “incomodidade” vivida pode ser reduzida pela psiquiatria, propria Freud, que a rotula como uma disposição hereditária ou uma inferioridade constitucional, parecendo referir que aquilo que perturba tem uma origem biológica. Essa incomodidade parece ser reduzida também pela psicanálise (pelo próprio Freud), que tentaria elucidar esses casos como “doenças estranhamente inquietantes”, negando a dimensão de estranhamento que viria do inconsciente. Freud segue propondo a interpretação da “psicanálise” a essa inquietante estranheza: “Nada de alheio entrou em ti. Trata-se de uma parte de tua vida psíquica que fugiu de teu conhecimento. [...] Entra em ti mesmo, em tuas profundidades e aprende, em primeiro lugar, a conhecer-te” (*ibid.*, p. 24). Freud, efetivamente, não leva em conta o que veio do outro, de fora, esse alheio que não está dentro desde sempre. E não percebe que não é suficiente olhar para dentro para descobrir o que existe ali. Porque aquilo que sustentaria, de fato, a revolução copernicana e que permitiria que o sujeito se conhecesse seria o caminho do descentramento

através do trabalho de tradução que poderia levá-lo ao conhecimento do primado do outro “em mim”.

“Não reconheces o que és, simplesmente tu mesmo”, segue Freud. “Não reconheces teu próprio núcleo e o inconsciente revelará ser finalmente ‘no fundo do homem’, aquilo” (*ibid.*, pp. 24-25).

O comentário de Freud nos leva ao fato que a essência da revelação seria algo endógeno que viria com o nascimento do ser humano. Recordemos que a construção “no fundo do homem, aquilo” remete ao título da obra de Groddeck (*Au fond de l’homme, cela*), cujo tema se refere à alegada prioridade do vital. O vital, o biológico, não opera como fundamento, mas sim como modelo real, como aquilo que é representado no psiquismo, embora não seja o que há de mais profundo no psíquico. O id, o aquilo, é o lugar do estranho, das pulsões mais mortíferas, especialmente a pulsão de morte, mas não significa que seja o que há em nós de mais biológico. Trata-se de algo primordial, original, ou de algo que se torna id pelo próprio processo de constituição do aparelho psíquico: isso alheio que passa a ser em nós.

Essa espécie de metáfora criada por Freud em seu texto foi vista por Laplanche como o inverso do que o próprio Freud afirmara tantas vezes: “buscar ancestrais no inconsciente freudiano do inconsciente do século XIX é extraviar-se” (*ibid.*, p. 25)! Mas isso só poderia ocorrer, afirma ele, na medida em que o próprio Freud renega da originalidade de sua descoberta. Há um retorno ao centramento: “há em mim algo que eu separei, mas que devo reintegrar. Certamente, o eu não é amo em sua morada, mas, apesar de tudo, está em sua própria terra” (*op. cit.*).

Embora Freud chame de estrangeiro “a outra coisa em mim”, ele parece negar que se trata de algo que é um outro que veio de fora. Estrangeiro

porque não faz parte do meu eu, porque se furtou ao meu conhecimento, isolado porque veio de fora e foi recalçado, não podendo ser integrado. Inquietante e estrangeiro porque tem origem em um inconsciente descoberto pelo próprio Freud, é verdade, embora não tenha incluído, em sua descoberta, um outro que veio de fora e que aportou alguma coisa que também é estrangeira a ele próprio, um outro que, por sua vez, também não tem conhecimento do que se passa dentro dele.

A domesticação do inconsciente não cessa de produzir-se no pensamento freudiano, como afirma Laplanche, referindo-se à dificuldade de Freud de sustentar o tema em sua totalidade, reconhecendo o inconsciente como estrangeiro em nós, mas não identificando que esse estrangeiro vem de um outro externo e não das entranhas do psiquismo.

Nessa revolução copernicana em que o descentramento é duplo, Laplanche retoma Freud, que afirmou que a histérica sofre de reminiscências, corpo estrangeiro interno, o que significa, nas palavras de Laplanche (*ibid.*, p. 23): “o inconsciente como estrangeiro em mim, e até mesmo colocado em mim pelo estrangeiro”. O inconsciente como uma outra coisa que não é uma memória, mas sim uma reminiscência. Um corpo estranho que se manifesta como uma outra coisa: o inconsciente (*das Andere*), que só se mantém pela outra pessoa (*der Andere*).

Nesse descentramento duplo, a outra coisa, o inconsciente, só se sustenta em sua alteridade radical pela outra pessoa, quer dizer, pela “sedução” (*ibid.*, p. 30). É o outro da sedução. Entre a passividade da criança e o outro adulto que implanta elementos de sua sexualidade recalçada nela, surge, a partir daí, por parte da criança, uma busca ativa de tradução. Esses elementos primeiros a traduzir – dados da percepção – a levam a tentar dominá-los em sua experiência, ordená-los, traduzi-los para fazê-los entrar em seu sistema, o que conduz, por sua vez, à tentativa de tradução do enigma e à sua

implantação no psiquismo da criança. O resto não traduzido determina a constituição do inconsciente recalcado. Tem-se aí a origem do inconsciente e o lugar fundante da constituição do eu instância.

A outra pessoa é a pessoa da sedução, o adulto que seduz a criança. “Essa outra pessoa é primeira na constituição de mim mesmo: uma prioridade que não está só postulada na teoria, mas também implicada e experimentada na transferência”, como diz Laplanche (*op. cit.*).

Nosso autor marca a mensagem enigmática como aquilo que sustenta o outro em sua alienação. No entanto, o fato de que Freud não dispõe do conhecimento desta noção por ser um conceito posterior a ele determina dificuldades significativas para que ele possa sustentar alguns temas. Por exemplo, o desenvolvimento da experiência de satisfação e o nascimento do desejo, modelo referente à necessidade, que é da ordem do vital e do biológico e que, a partir daí, Freud propõe a constituição do desejo sexual.

Jean Laplanche, seguindo Freud, revisa a questão do desamparo do *infans* e sua incapacidade de prover suas próprias necessidades, o que desencadeia nele um acúmulo de tensão, uma excitação transbordante que vem de dentro. O bebê se agita, grita, suscitando uma ação do adulto, “um auxílio alheio”, que determina uma mudança: uma vivência de satisfação e o aparecimento de uma certa percepção, que deixam marcas do auxílio do outro. A imagem mnêmica dessa percepção fica associada a uma marca mnêmica relacionada à excitação da necessidade. Quando esta aparecer novamente, vai se produzir uma moção psíquica que reinvestirá a imagem mnêmica, reevocando a própria percepção. Essa moção se chama desejo. O reaparecimento da percepção é o cumprimento do desejo!

Então, a partir da necessidade, surge o desejo. Mas da satisfação da necessidade só pode nascer uma reprodução alucinatória da satisfação da

necessidade. É um desejo de alimento e nada mais! Freud tenta fazer surgir o sexual desde o alimentício. Como uma necessidade de alimentação pode fazer emergir o desejo, que é sexual?

Segundo Laplanche, Freud não levou em conta a ausência do outro, que só se fez presente no momento inicial do processo alimentar, não restando nenhuma marca a não ser a marca do alimento. Além disso, faltou o “signo que faz signo”, quer dizer, faltou o outro que oferece um signo que faz signo à criança antes que ela mesma o identifique, única maneira que pode ser concebida a intervenção do sexual na experiência de satisfação!

Nesse sentido, Laplanche assevera que é o adulto que põe o seio em primeiro plano – não o leite –, o que se dá em razão de seu próprio desejo. Isso porque o seio é um órgão sexual, não só destinado à alimentação da criança. Ao abandonar a teoria da sedução, Freud não havia percebido que, além da sedução real, há uma sedução fundante e generalizada que dá origem ao sexual infantil, à constituição do psiquismo humano (*ibid.*).

Nosso autor amplia o tema, afirmando que todas as cenas primárias cindem dois mundos sem comunicação: de um lado, um comportamento parental em que o vivido está fora do alcance do sujeito; do outro lado (a criança), um espetáculo traumatizante, mais entrevisto do que visto, adivinhado, mencionado através de uma simples alusão, que a criança deve completar, interpretar, simbolizar. A cena originária somente tem impacto por veicular uma mensagem, um dar-a-ver ou dar-a-ouvir da parte dos pais/adultos. Não existe o outro real em si, existe, de maneira primordial, o outro que se dirige a mim, o outro que pretende algo de mim. “O que pretende de mim esse pai ao me mostrar, ao deixar-me ver essa cena originária, mesmo que somente por me levar ao campo para assistir o coito dos animais?” (*ibid.*, p. 37-38).

Jean Laplanche nos ensina que a mensagem enigmática é dirigida a alguém sem um sistema de interpretação comum, constituída de um modo principalmente extraverbal. Essas mensagens significantes são ao mesmo tempo indissociavelmente enigmáticas e sexuais porque não são transparentes para os próprios adultos, estando comprometidas pela relação destes com seu próprio inconsciente e pelas fantasias sexuais inconscientes mobilizadas nele por sua relação com a criança.

Nos diz o autor: “a alienação interna ‘sustentada’ pela alienação externa, a alienação externa, por sua vez, sustentada pela relação enigmática do outro por sua própria alienação interna: tal seria minha conclusão sobre a revolução de descentramento proposta aqui no seguimento da descoberta freudiana” (*ibid.*, p. 39).

## Palavras finais

É preciso retomar a “revolução copernicana inacabada”? Em que ela permanece inacabada? Qual a natureza desse inacabamento?

A partir do que fomos comentando até aqui sobre o texto de Jean Laplanche, podemos dizer que Freud parece se propor a um posicionamento na revolução copernicana, mas efetivamente só consegue sustentar em parte seus argumentos. Sua descoberta explica o que é o inconsciente, seu funcionamento, sua origem e a razão pela qual está isolado “dentro de mim”. Dá conta de um descentramento (*das Andere*), o inconsciente, mas não dá conta do *der Andere*, a outra pessoa. No entanto, a estraneidade desse inconsciente deriva desse outro, um outro que vem de fora e que aporta algo que também é estrangeiro ao próprio outro. Desta forma, na falta de uma das partes, torna-se impossível sustentar o todo.

Então, o que falta em Freud? O que impede que ele sustente a alteridade do outro (sedutor) que, na verdade, é quem sustenta a alteridade da outra coisa (inconsciente)?

Quais os motivos da dificuldade de Freud em acessar esse outro? Será que é em função de seu autocentramento, que é, aliás, o centramento de todo o ser humano, que está presente em Freud, inclusive em sua proposta acerca do processo da análise? O fechamento seria inevitável?

Os “novos fundamentos para a psicanálise” de Laplanche permitiram que ele fosse mais longe do que Freud no copernicismo. Mas, segundo Laplanche afirma, não seria suficiente atribuir o erro ou a cegueira a Freud, como responsáveis pela não-resolução dos problemas detectados, sendo necessário encontrar uma razão mais profunda como causa dos impedimentos para que seguisse adiante. Sugere que a falsa via corre paralela a um recobrimento da verdade inerente à própria coisa. O re-encerramento sobre si do sistema freudiano, que desemboca na ideia de um aparelho da alma, tem uma ligação com o fechamento sobre si do ser humano no próprio processo de sua constituição.

Na evolução da teoria freudiana, há um paralelismo com o desenvolvimento do indivíduo humano entre a ontogênese individual e a teoria que dá conta dela. O re-centramento narcisista surge após uma etapa copernicana em que a criança gravita em torno do outro e é passiva frente às suas mensagens.

Conforme Laplanche, o problema de abrir-se ao mundo é um falso problema para a cria humana, para o *infans*. A única problemática seria fechar-se, fechar um si mesmo ou um eu – uma suposta aquisição pela criança de uma primeira posse. No *Projeto*, Freud afirma que o proposto não é a questão da abertura, mas sim a questão do fechamento diante do excesso de realidade, tudo é realidade (LAPLANCHE, 1989, pp. 97-98). Em *Novos fundamentos*,

Laplanche refere que o importante desse momento na vida do bebê seria que ele fosse capaz de se fechar, para garantir um espaço psíquico e um eu. No entanto, esse eu deve se submeter a uma complexificação maior para alcançar outros níveis de simbolização, o que não ocorreria se o aparelho se mantivesse fechado. A abertura copernicana é fundamental para que a vida siga pulsando.

Como sabemos, o re-centramento narcisista ocorre após uma etapa copernicana, no qual o *infans* gravita em torno do outro e recebe passivamente suas mensagens. Além disso, o momento do fechamento narcisista, a constituição do eu como instância, no momento do recalçamento originário, é correlativa à constituição do outro interno: o inconsciente. Do lado da teoria, a incessante recaída ptolomaica de Freud é o paralelo do fechamento narcísico inelutável do aparelho da alma.

Na revolução astronômica e no psiquismo humano, a ferida narcisista encalha em nossa centração narcisista, mas não temos a possibilidade de acabar a revolução, pois a chave está no narcisismo, na medida em que ele é uma defesa, também é autocentramento. Precisa ser fechado.

Mas se o ser humano se fecha muito precocemente sobre si mesmo e se a teoria é levada a se fechar também, que sentido haveria em conservar a abertura introduzida pela teoria da sedução generalizada, pergunta-se Laplanche? No entanto, ele afirma que o inevitável fechamento da teoria sobre o eu só seria definitivo se a psicanálise fosse apenas uma teoria frente a seu objeto, mas sendo ela, no entanto, em princípio, “método”, e sendo este indissociável da situação analítica, essa situação reitera a situação originária do ser humano. É, ao mesmo tempo, ptolomaica e copernicana. Copernicana porque, no início, encontra seu centro de gravitação no outro, ao mesmo tempo na observação da regra fundamental e na transferência. A própria cura psicanalítica não escapa a um incessante re-centramento:

o eu não cessa de trabalhar para tentar recolocar em ordem os elementos inconscientes “recuperados”, afirma Laplanche (1996, p. 43).

A modificação da alteridade psíquica pós-recalcamento originário, quando a relação com um outro externo se torna relação com o outro interno, faz-se necessária para que as mudanças sejam efetuadas. Mas, paradoxalmente, esse fechamento do aparelho da alma também deve ser questionado para permitir a possibilidade de que ocorram novas mudanças. Em determinados momentos, é preciso que o outro a conquistar seja o outro externo, fonte de mensagens enigmáticas, que, em outros tempos, foi origem de uma verdadeira pulsão a traduzir.

Segundo ensina Laplanche (2001), na cura, a transferência surge como a possibilidade de uma abertura do aparelho, como uma renovação da direção enigmática do outro, instigadora e até geradora de uma neogênese de energia libidinal. Nesse sentido, seu olhar está voltado especificamente para o final de análise, que também representaria uma espécie de fechamento, desde onde, muitas vezes, é possível sair, em uma posição copernicana, situando-se frente ao descentramento do ser humano, com a alteridade e o primado do outro. E não é à toa que nos deparamos com muitas referências do autor a esse tema, em diversos textos, inclusive muito mais antigos, perguntando-se sobre a possibilidade desse destino do movimento psíquico.

Finalizando o texto e retomando especificamente o tema da revolução copernicana inacabada, gostaríamos de enfatizar que o trabalho de Laplanche ao pensar esse inacabamento foi extremamente válido. Ele andou mais uns passos nesse assunto em relação ao tanto andado por Freud. Além de adotar o conceito de inconsciente freudiano, tornando-o o centro de seus “novos fundamentos”, levou-o ao Colóquio de Bonneval e, junto com Serge Leclair, perante uma plateia capitaneada por Jacques Lacan, seu mestre na época, defendeu o realismo do inconsciente, a diferença entre inconsciente

e linguagem, propondo a impossibilidade de conceber um inconsciente que não tivesse origem no recalçamento sexual, destacando a absoluta necessidade de se pensar o sujeito do inconsciente e a abertura para a questão do outro. Chegou ao *der Andere*, à outra coisa em nós, desenterrou a sedução, então, como o núcleo do enigma, transmitiu a ideia de uma mensagem do adulto à criança, que é enigmática porque vem do outro e, a partir desse enigma sexual, uma mensagem que funda e constitui... fez com que a descoberta fundamental de Freud tenha sido complementada, justamente em mais uma volta dessa espiral do conhecimento tão valorizada por ele.

Agosto/2024

## Referências

BALLVÉ BEHR, K. M. “Da sublimação à inspiração. Uma abertura ao enigma e à alteridade”, in Tarelho, L. C. et al. (Orgs.). *Entre Sedução e Inspiração: como situar o eu na obra de Jean Laplanche?*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2022.

LAPLANCHE, J.; LECLAIRE, S. (1961) “El inconsciente: un estudio psicoanalítico”, in Laplanche, J. *Problemáticas IV: El inconsciente y el ello*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987.

FREUD, S. (1917 [1916]). “Una dificultad del psicoanálisis”, in *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

LAPLANCHE, J. “La revolución copernicana inacabada”, in *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.

LAPLANCHE, J. “Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: la seducción originaria”. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989.

LAPLANCHE, J. “Las fuerzas en juego en el conflicto psíquico”, in *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.

LAPLANCHE, J. “A revolução copernicana inacabada”. *Percurso*, 29(56/57), 15-34, 2016.  
Recuperado de <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/253>

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

**Kenia Maria Ballvé Behr**

Av. Taquara, 386/1003

90460-210 – Porto Alegre – RS

ballvebehr@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise